

LITERATURA POPULAR NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA COM O FOLHETO E O CONTO POPULAR NORDESTINO A PARTIR DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA BÁSICA DE COSSON

Paula Daniele Torres de Castro Matos (1); Kalina Fernanda Cavalcanti Ferreira (2); Kelly Sheila Inocêncio Aires (3)

Instituto Federal da Paraíba (IFPB) -paulamatos.editora@hotmail.com

Instituto Federal da Paraíba (IFPB) -kalinafcf@gmail.com

Instituto Federal da Paraíba (IFPB) -kellysheilacosta@yahoo.com.br

Resumo:

O nordeste brasileiro é rico em cultura popular, entre elas tem-se a literatura popular. Por ser esta uma das manifestações culturais de um povo, pode ser usada na sala de aula como forma de promover o gosto pela leitura literária e, conseqüentemente, propagar a valorização e a preservação da identidade cultural regional. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo sugerir uma proposta metodológica com o uso do conto popular e o cordel, a partir da sequência básica de Rildo Cosson. As manifestações populares trabalhadas serão o conto popular “O Matuto João”, do autor Sílvio Romero, e o folheto “Outra visão Outro Sertão”, do cordelista Oliveira de Pannels. A sequência básica de Cosson é uma metodologia eficaz para tornar a leitura prazerosa, valorizar o aluno-leitor, seus anseios, memórias familiares, a cultura de sua região e sua identidade. Espera-se, portanto, mostrar que a leitura literária pode ser algo recorrente no cotidiano do aluno, de modo que possa contribuir para que ele se torne autor de sua própria história.

Palavras-chave: Cultura popular, cordel, conto popular, sequência básica de Cosson.

INTRODUÇÃO

O Nordeste brasileiro é riquíssimo em suas manifestações culturais, entre elas tem-se a cultura popular, que apresenta um fenômeno complexo e polissêmico, carregado de multiplicidade de sentidos, formas, conceitos e a história de um determinado povo. Entre os exemplos de Cultura Popular, especificamente no Nordeste do Brasil, tem-se o cordel ou folheto e o conto Popular. Ambos são detentores de vasto valor semântico por serem um excelente material de estudo para várias áreas de conhecimento, como Literatura, História, Sociologia, dentre outras, uma vez que a linguagem, a narrativa e toda a estrutura estética despertam o interesse do leitor. Essas manifestações populares, portanto, fomentam a curiosidade do leitor, promovendo uma relação dialógica significativa entre o mundo externo e interno do sujeito.

Para compreender melhor esses gêneros literários como uma ferramenta eficaz nos processos metodológicos da Literatura, tem-se que levar em consideração a ação do professor dentro da sala de aula, o que vai desde o planejamento da aula até a prática de ensino, haja

vista ser no fazer que se obtêm resultados positivos e/ou esbarra-se no fracasso do “não ensino”. Sabe-se que existem diversas maneiras para trabalhar a leitura numa perspectiva de letramento.

Isto posto, o presente estudo tem como objetivo analisar um conto popular e um cordel, propondo uma sequência didática baseada no método de Rildo Cosson, contribuindo para uma prática docente prazerosa sob a perspectiva do letramento literário. As obras sugeridas para o estudo foram os contos: “O Matuto João”, da obra “Contos Populares do Brasil”, do autor Sílvio Romero (ROMERO, 2013), e o folheto “Outra visão Outro Sertão”, do cordelista Oliveira de Panelas em parceria com o pesquisador Dr. José de Souza Silva (PANELAS; SILVA, 2011).

LITERATURA E CULTURA POPULAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO DE LITERATURA

A cultura perpassa qualquer sociedade e é um somatório de costumes, tradições e valores, sendo conceituada como tudo aquilo que é aprendido: as formas, os costumes, crenças, linguagens, ou seja, são as práticas sociais que norteiam qualquer sociedade. Esta é transmitida de geração em geração, através principalmente da língua de um povo ou de outros tipos de linguagens, como pinturas, emblemas, símbolos, etc. Desse modo, cada indivíduo tem um jeito próprio de ser e de se expressar no mundo, e, por conseguinte de organizar o seu espaço de formas diferentes. Assim, devem ser considerados “os contextos sócio-culturais [sic], o sentido que as atividades culturais, as práticas, os processos têm para as pessoas que as fazem, as escolhem, as elegem por gosto, por costume, por preceito ou por qualquer outro motivo” (AYALA, 2003, p. 98)

A cultura é tudo aquilo que é produzido pelo ser humano, numa construção diária, sendo dividida entre erudita e popular. A primeira é manifestada por pessoas mais “letradas”, com um grau maior de instrução, ela tem um caráter mais rebuscado e científico, ou seja, a chamada cultura oficial. Já a segunda, é realizada pelo dito “povão”, ou seja, por pessoas de menor instrução, que se utilizam do senso comum, da espontaneidade, do cotidiano, tendo um caráter mais local e regional.

Segundo Ayala (2003), ambas as culturas se inter-relacionam, no entanto, ainda há um grande preconceito com a cultura popular, visto que muitas pessoas ditas “letradas” consideram esta cultura como uma “não arte”, pelo fato de ser construída pelo dito “povão”.

Este pensamento preconceituoso deve ser desmistificado, mostrando a riqueza cultural que as manifestações culturais populares apresentam; posto ser esta uma cultura viva. Uma vez que o processo de hibridização é uma constante, tendo em vista que a Literatura popular traz uma série de características socioculturais das diferentes áreas da sociedade. Conforme Ayala (1997):

A Literatura popular, como outras práticas culturais populares, se nutre da mescla, e esse processo de hibridização talvez seja um dos componentes mais duradouros e mais característicos. O sério se mesclando com o cômico; o sagrado, com o profano; o oral, com o escrito; elementos de uma manifestação cultural, transpostos para outra. (AYALA, 1997, p. 168).

Portanto, apesar das especificidades tanto da cultura popular, quanto da erudita, ambas têm um importante valor para a cultura de qualquer sociedade e, por conseguinte, fazem parte de sua identidade, sendo permeadas pelo hibridismo cultural. Neste âmbito, as manifestações populares devem ser vistas como uma arte a ser valorizada, e conseqüentemente entendida em seu contexto social, como é explicitada pelos autores Ayala e Ayala (2002):

(C)ada uma das manifestações culturais populares de que trata é analisada com base no pressuposto de que só poderá ser compreendida na medida em que for situada em suas relações com o conjunto cultural (a cultura popular), com o contexto socioeconômico específico (a “sociedade rústica”) e com a estrutura sociocultural mais geral (a sociedade brasileira) dos quais faz parte. (AYALA; AYALA, 2002, p. 38).

Entre as manifestações culturais populares, tem-se a Literatura. Neste contexto, o presente estudo terá como foco os gêneros literários, folheto e o conto popular, os quais fazem parte da Literatura popular, que ocorre tanto de forma escrita, quanto oral e é uma das manifestações mais dinâmicas exercidas pela humanidade, pois integra a cultura popular de várias sociedades há séculos.

No que se refere à Literatura popular, Barros (2002) afirma que:

A literatura popular mantém viva a memória das produções de uma sociedade e que estas produções consistem de uma tradição. Com o tempo, foram se agregando e definindo novos elementos, principalmente no campo da oralidade, práticas modernas que ampliam o contingente tradicional (BARROS, 2002, p. 53)

Observa-se, portanto, o quanto esse tipo de cultura e/ou literatura é importante para a preservação da identidade de um povo. Nesse contexto, é notório que mesmo com as mudanças constantes da sociedade, como o avanço tecnológico, advindas da modernidade, muitos artistas procuram manter viva a tradição da literatura popular, buscando mostrar para

as sociedades atuais que esta Literatura é importante para preservação da identidade cultural local e regional.

O ambiente escolar é um bom local para se conhecer a Cultura popular. Neste âmbito, a leitura literária da Literatura popular será de grande contribuição, pois além da sua estética, é também um reflexo da realidade. Logo, o docente pode utilizar a sala de aula para valorizar a cultura regional de cada aluno. Tem-se, como exemplo, o Cordel e o Conto popular, dois gêneros literários de valor significativo para fomentar o prazer pela leitura, à promoção do letramento literário e a valorização da Cultura popular.

De acordo com Silva (2012, p. 44), “O conto caracteriza-se por ser um relato não muito longo de fatos fictícios em prosa”. Por ser uma narrativa breve, subsidiará o prazer pela leitura tanto daqueles leitores iniciantes, quanto dos veteranos. Sendo, portanto, um aliado à promoção da leitura literária, visto que a partir dele, possibilitará aos leitores tomarem gosto pela leitura de gêneros literários maiores. Existem várias modalidades de contos, “uma dessas modalidades são os contos populares, gênero literário de tradição oral antiga que vem ganhando espaço a cada geração entre os demais gêneros literários. Dentre eles, os mais conhecidos estão: os contos de fada, as fábulas, os mitos e as lendas”. (SILVA, 2012, p.4).

O cordel, sua origem remonta a Idade Média, bem ligada a poesia trovadoresca, sendo encontrado em vários continentes. Por este motivo, não se pode dizer que o cordel tem sua origem em Portugal, afinal de contas “já se encontram publicações similares em quase todos os países europeus – basta que se pense nos *chapbooks* ingleses, na *littérature de colportage*, nos *pliegos sueltos* espanhóis, etc.” (ABREU, 2010, p. 23). Contudo, estima-se que sua origem seja do continente asiático. Em cada país o cordel recebe nomes e características próprias.

A literatura de cordel chegou ao Brasil no século XVIII, trazida pelos portugueses no começo da colonização, tendo suas primeiras aparições no Nordeste por volta do século XIX. O mesmo vai receber várias adaptações em cada região pelo Brasil afora, tornando-se parte integrante da cultura popular, com destaque principalmente na região Nordeste.

A literatura de Cordel também conhecida no Brasil como folheto é um gênero literário popular escrito frequentemente na forma rimada, originada em relatos orais e depois impresso em folhetos. O folheto é o principal suporte de circulação, sempre com número de páginas múltiplos de quatro e em pequeno formato. (SILVA, 2016, p.4).

O Cordel pode ser encontrado em bancas de jornal, em feiras, em livros em formato de coletânea e, com o avanço das tecnologias, também pode ser encontrado em sites da internet.

Assim, mesmo a modernidade dando novas características a este gênero literário ainda continua com algumas características da poesia oral: oralidade, distribuição métrica dos seus versos e a sonoridade, auxiliando para a memorização de seu leitor e, por conseguinte, ajudará a melhorar a escrita e oralidade dos discentes. (SILVA, 2016)

PROPOSTA DE TRABALHO EM SALA DE AULA COM O FOLHETO E O CONTO POPULAR

O presente estudo propõe uma atividade de leitura na sala de aula com o conto popular e o folheto, através da sequência didática de Rildo Cosson (2007), podendo ser realizada tanto com alunos do ensino fundamental II, como com alunos do ensino médio. O conto popular nordestino escolhido foi “O Matuto João”, da Obra “Contos Populares do Brasil”, do autor Sílvio Romero (ROMERO, 2013), e o folheto “Outra visão outro sertão”, do cordelista Oliveira de Panelas em parceria com o pesquisador Dr. José de Souza Silva (PANELAS; SILVA, 2011).

O nordeste brasileiro é conhecido por possuir uma vasta história em seus contos populares, pois apresentam personagens singulares e uma pluralidade cultural avassaladora. Observe o que diz a autora Ayala (2016):

No que se refere ao nordeste, a variedade de gêneros que compõem esta literatura popular em versos para ser lida e cantada é significativa. A quantidade dos chamados folhetos de época que fazem a leitura de diferentes fatos sociais e históricos, fazem sobressair a representação das disputas políticas em vários estados, o cangaço, a seca, a carestia, tratados com humor e crítica (AYALA, 2016, p.23).

Destarte, há uma personagem que nunca sai de moda da Literatura Nordestina: “o matuto”, um personagem de aparência simples, “cabreira” e desprovida, que carrega nas entranhas a inteligência e/ou esperteza ímpar.

Romero (2013) começa seu conto dizendo: “HAVIA UM HOMEM DE NOME MANOEL, casou-se com uma mulher chamada Maria e tiveram um filho que se chamou João. Os pais, por serem muito pobres, não lhe ensinaram a ler, porém João era muito ativo (ROMERO, 2013, p.122)”. João vem de família pobre e não teve a oportunidade de estudar, mas tinha em seu íntimo a inteligência, que o autor descreve como "ativo”.

Um fato que chama atenção sobre o autor Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero é que, além de ser escritor e político, fez parte do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira nº 17. A

amplitude de saberes deu a Romero elementos “fiéis” para a construção de suas obras. “O matuto”, pobre e iletrado era visto como figura personificada da época, o qual neste texto foi colocado de modo fictício, contendo características fidedignas com a realidade.

No decorrer da trama, Romero (2013) mostra que “O Matuto João” mesmo sendo “analfabeto” possuía a perspicácia que muitos letrados não tinham, por exemplo, o rei não acreditava que João era capaz de decifrar a adivinhação feita por ele: “Apresentou-se o João e disse que era pretendente à mão da princesa; pois ela era incapaz de decifrar a sua adivinhação. Riram-se muito dele. “Ora!”, disseram, “quando outros homens sábios não saíram-se bem, tu que és um pobre matuto e amarelo é que hás de casar com a filha do rei!”. O matuto insistiu e foi falar ao rei. Disse-lhe o rei: “Sabes tu a quanto te arriscas?” João respondeu que a tudo estava disposto.” Então, o rei disse que ele poderia formular uma adivinhação para princesa, sua filha, se ela errasse casaria com ele. Afinal, “o matuto era incapaz de pensar e muito menos fazer adivinhações.” Para surpresa de todos, João fez a adivinhação e a princesa não conseguiu responder. Assim, João “o matuto” casou-se com a princesa. Romero (2013) mostrou que a sabedoria popular pode ser muito maior do que imaginamos, desmistificando a figura do matuto.

Outro gênero da cultura popular é o folheto. Este faz parte das formas poéticas populares orais. O cordel escolhido para este estudo foi “Outra visão outro Sertão”, do cordelista Oliveira de Pannels e o pesquisador Dr. José de Souza Silva. O primeiro tem como verdadeiro nome Oliveira Francisco de Melo, ele é repentista, escritor, poeta e cantador. Escreveu poemas desde os 8 anos de idade e tornou-se artista profissional aos 14 anos. Cantou seus repentes em várias emissoras de rádios de Pernambuco e Estados vizinhos. Além disso, busca divulgar a valorização do cordel como uma importante arte popular da identidade do povo nordestino.

Por sua vez, José de Souza Silva não é cordelista, é engenheiro agrônomo e pesquisador da Embrapa Algodão. Este auxiliou o cordelista Pannels na abordagem científica sobre o Semiárido brasileiro. O cordel supramencionado traz em seu enredo questões positivas do Semiárido nordestino, apresentando uma nova visão sobre o nordeste brasileiro, antes marginalizado, personificado e discriminado pelas outras regiões do Brasil, principalmente, pelas regiões Sul e Sudeste do país.

O nordeste brasileiro é ocupado quase que sua totalidade pelo Semiárido brasileiro. Além do Nordeste, o semiárido brasileiro abrange o norte de Minas Gerais, que segundo a Integração Nacional (2005) tem sua área de delimitação de 969.589,4 km². Apresenta o

bioma caatinga e o clima semiárido e, por sua vez, um déficit hídrico em boa parte do ano, em virtude das precipitações entre 280 a 800 mm, tendo assim altas temperaturas, acima dos 20° C de médias anuais (ARAÚJO, 2011).

A partir desse quadro natural, em boa parte do Nordeste, há o mito que o Semiárido nordestino e/ou a região Nordeste como um todo é uma região de seca, pobreza, entre outros adjetivos ruins. Esta imagem ainda é propagada atualmente, principalmente pela mídia nacional. Todavia, o problema não é o fenômeno da seca, pois esta é uma questão natural, mas sim a falta de convivência com ela, em virtude da escassez de investimentos adequados por parte dos Estados, que por muito tempo deixou o nordeste brasileiro abandonado e sem desenvolvimento; tornando por muitas décadas uma região de intensa expulsão migratória para outras regiões do país.

Desse modo, também foi um lugar favorável para a chamada indústria da seca, na qual muitos políticos aproveitavam desta para “ajudar” as pessoas em troca de votos. Diante disso, observa-se que foi criada uma cultura e uma linguagem regional. Porém, durante muito tempo houve até mesmo por parte de alguns nordestinos e por pessoas de outras regiões, uma visão distorcida do que realmente é a região, esquecendo-se das riquezas naturais e culturais presente nesta.

Diante desse cenário, o cordelista supracitado, em parceria com um pesquisador do Instituto Nacional do Semiárido- INSA (instalado em Campina Grande-PB) fizeram o cordel “Outra Visão Outro Sertão”, tendo como objetivo alcançar uma verdadeira desmistificação do “Nordeste brasileiro como uma região de sofrimento”, além de promover a valorização da Cultura Popular.

Buscou-se por meio desse cordel, realçar as riquezas culturais dos nordestinos, contrapondo-se à visão estereotipada da região ao mostrar que o nordeste brasileiro é um lugar rico em biodiversidade, cultura, de pessoas aguerridas e resilientes, e que existe a possibilidade de conviver com esse quadro natural.

Constata-se, portanto, que não é a seca o problema, afinal esta é um fenômeno natural, o problema está na falta de investimentos adequados para a convivência com ela. Logo, são necessárias mais políticas públicas que invistam no sertão brasileiro, promovendo um desenvolvimento sustentável e uma educação contextualizada que fomente a valorização, preservação, conservação e convivência com o Semiárido. O presente cordel busca fomentar esses valores. Observa-se isso no seguinte trecho:

Encontrei no Sertão de todos nós Terras boas e campos fecundantes melancias maduras, nas vazantes/ Peixes gordos, pescados por anzóis/ Muitos grãos, entre silos e paióis/ Frutas doces, com rica substância/ Leite forte, seguro pra infância/ Sobre isso, escutei muita pilhéria/ Quem falou que o Sertão é só miséria?/ Encontrei foi fartura e abundância/ Feijão verde, coalhada, rapadura/ Pinga boa, jabá e milho assado/ Guiné, pato e um bode bem guisado/ Cana boa, caiana, um doçura [...] (PANELAS; SILVA, 2011, p. 26-27).

Percebe-se, que tanto o conto quanto o cordel tratam de temas atuais. Os autores se preocupam em não escrever sua obra de maneira solta e/ou fora de contexto, mas em narrar de modo que haja uma conexão com o que é real, palpável, perceptível, levando os leitores a desenvolver um pensamento crítico a respeito da atualidade e realidade. Vale salientar, que a leitura e o exercício dela transformam o indivíduo, tornando-o capaz de exercer a cidadania de maneira consciente e ativa. Assim, mostra o quanto a leitura é importante nesse desenvolvimento. Para que isso aconteça de modo pleno, precisa ser vista, sentida e vivenciada na sala de aula.

Por meio da leitura e do conhecimento do supracitado cordel e do conto popular por parte do professor, pode-se seguir como proposta metodológica para realização de possíveis projetos de leitura literária na sala de aula, por meio da sequência didática de Rildo Cosson (2007). Esta é dividida em quatro passos básicos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Mediante esta metodologia, Cosson procura incentivar o fomento ao letramento literário.

O processo de motivação se dá, por sua vez, quando o professor busca meios para o aluno se interessar pelo texto literário. “Chamamos de introdução à apresentação do autor e da obra” (COSSON, 2007, p. 57). Em sequência, tem a leitura propriamente dita que ocorre quando o aluno terá contato com a obra literária e a “Interpretação parte do entretenimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade” (COSSON, 2007, p. 64).

No primeiro momento, o professor apresentará a proposta de trabalho e discutirá com os alunos a importância da cultura popular para a valorização da identidade de um povo. Ademais, falará sobre os dois gêneros, o cordel e conto popular, mostrando as características de cada um. Em seguida, apresentará as obras que serão lidas posteriormente: o conto popular “Matuto João” e o cordel “Outra visão outro sertão”.

No segundo momento, será a etapa da motivação. Nesta, o professor poderá levar uma dinâmica ou uma discussão sobre o que os alunos entendem sobre o conceito de matuto e quais conhecimentos têm sobre o Sertão nordestino. É muito importante fazer uma breve

explicação sobre o sentido da Literatura, especificamente a literatura popular, instigando o estudante para uma leitura prazerosa. Uma sugestão de ambiente para a realização dessa primeira etapa pode ser a biblioteca ou outro espaço escolar agradável, buscando com isso mostrar que a leitura literária não é apenas “coisa” de sala de aula.

A etapa seguinte será a introdução, na qual o professor fará uma discussão sobre os autores Sílvio Romero, Oliveira de Panelas e José de Sousa Silva e os contextos que foram escritos as referidas obras, porém de forma breve. Ademais, falará sobre a importância de se ter escolhido essas duas obras da cultura popular, evidenciando serem obras importantes para mostrar a identidade e a cultura do nordestino. Nessa etapa, os alunos vão se organizar em grupo para pesquisar a biografia dos autores, como fotos, entrevistas (em jornal, revista e internet), títulos de outras obras, enfim, tudo que possa enriquecer e contribuir para o reconhecimento do estilo literário. Após a pesquisa, eles irão socializar com os outros grupos.

Após essas duas etapas é o momento da leitura propriamente dita. O docente levará, para a sala de aula, exemplares do cordel. Este pode ser lido de forma silenciosa e/ou em voz alta na sala de aula.

Depois da leitura do cordel, o professor levará cópias do conto. É importante que o professor acompanhe a leitura, porém não deve ficar vigiando os alunos e sim deixá-los à “vontade”, valorizando seus conhecimentos prévios e o ritmo de cada um, pois só assim eles poderão ler por prazer e não se sentirão obrigados a realizar a leitura literária. Nesse momento, o professor pode conduzir a aula de modo espontâneo, para que os estudantes se sintam à vontade para falar e construir conexões acerca de suas investigações. Conforme Cosson e Souza (2007),

Diante do uso efetivo das oficinas de leitura, do papel do professor em sala de aula, explicitando as habilidades de leitura, respeitando o texto literário em sua integridade, considerando o conhecimento prévio de cada aluno, bem como o ritmo de cada um, podemos vislumbrar leitores literários, que não só compreenderão o texto, mas também utilizarão a literatura em seu contexto social. (COSSON E SOUZA, 2007, p. 106).

Na quarta etapa de Cosson, tem-se o momento da interpretação. O professor fará uma roda de conversa, na qual perguntará às impressões dos alunos sobre a experiência de leitura e discutirá temas presentes na obra: a figura do matuto no nordeste, e em outras regiões do Brasil, e as diferentes visões das pessoas sobre o nordeste brasileiro; buscando desmistificar a visão preconceituosa que muitas pessoas ainda têm sobre esta região, visto que muitos a consideram uma região cheia de pobreza, de pessoas sem culturas, analfabetas, etc.

O docente pode destacar trechos do texto e ler em voz alta para que o aluno possa perceber as peculiaridades que estas obras carregam, dando destaque para alguma passagem que chama mais atenção. Além disso, ele pode pedir que os estudantes comparem as obras, mostrando suas semelhanças e suas diferenças em relação ao conteúdo e a forma. É preciso que esse momento seja de contemplação para os estudantes, para ouvir, falar e se encantar, despertando de maneira tênue seu pensamento crítico em torno do assunto. Assim, pode-se incluir outros elementos para dar mais significados a aula, como fazer conexões com os modos de leitura entre texto e leitor e texto e intertexto.

Como finalização, o professor pedirá que os alunos elaborem seus próprios cordéis e/ou contos, no qual o docente revisará e pedirá a reescrita, caso seja necessário. Posteriormente os alunos irão realizar com seus familiares entrevistas sobre as experiências destes com os supramencionados gêneros literários, as quais deverão ser socializadas na escola, com os próprios familiares relatando-as.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, que a Cultura Popular faz parte da cultura local de um povo, algo muito presente no nordeste brasileiro. Destarte, através da compreensão e do entendimento da essência do que seja essa cultura se analisam suas diferentes manifestações e sua relação com a Literatura. E, apesar da existência da cultura globalizante, cada lugar tem suas características e, portanto, suas peculiaridades.

Pelo exposto, conclui-se que todos os aspectos da cultura popular, especificamente a literatura popular, sejam em suas formas orais ou escritas, são parte de um povo, bem como sua admiração e divulgação tem por finalidade fortalecer a identidade pessoal e social de cada indivíduo, visto ser este analisado em uma coletividade.

Portanto, é preciso abrir as portas da escola para a Literatura popular ainda mais; promovendo uma leitura prazerosa, que valorize o aluno-leitor, seus anseios, memórias familiares, a cultura de sua região, sua identidade, entre outras. Logo, o ensino nesta perspectiva promove uma construção de significados permanentes.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

ARAÚJO, Sérgio Murilo Santos de. A região Semiárida do Nordeste do Brasil: questões ambientais e possibilidades de uso sustentável dos recursos. **Rios Eletrônica- Revista Científica da FASETE**. Ano 5, n. 5 dezembro de 2011.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura Popular no Brasil**. 2. ed., São Paulo, Ática, 2002.

AYALA, Maria Ignez Novais. Riqueza de pobre. Literatura e sociedade, **Revista de teoria literária e literatura comparada**, Universidade de São Paulo, n.2, p.160-9, 1997.

_____. Aprendendo a aprender a cultura popular. In: **Pesquisa em Literatura**. Campina Grande. Bagagem, 2003.

_____. Do manuscrito ao folheto de cordel: uma literatura escrita para ser oralizada. **Leia Escola**, Campina Grande, v. 16, n. 2, 2016 – ISSN 2358-5870. / Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/viewFile/710/444> Acessado em: 22/06/2018.

BARROS, Maria Lindamir de Aguiar. A literatura popular para além da Modernidade. **Anuário de Literatura**, 10, 2002, p. 53-71.

COSSON, Rildo. “A sequência básica”. In: **Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2007.

COSSON, Rildo; SOUZA, Renata Junqueira de. **Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula**. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf> acesso em 04/03/2018.

PANELAS, Oliveira de; SILVA, José de Souza. **Outra visão, outro sertão**. Campina Grande: INSA, 2011. 39 p.

ROMERO, Sílvio. **Contos populares do Brasil**. Editora: WMF Martins Fontes, São Paulo, 2013.

SILVA, Daniele. Gêneros textuais: contos populares e a formação de leitores. **TARRAFA revista do NUPE (Núcleo de Pesquisa e Extensão) do DEDCI**. 2012. (p. 42-48) Disponível em: <http://www.uneb.br/tarrafa/files/2012/10/G%C3%AAneros-textuais.pdf> Acesso em 28/05/2018.

SILVA, Verônica Diniz Da. A literatura de cordel e suas contribuições para o ensino desse gênero na sala de aula. **Anais do X Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul- Ocidental**. 07 A 11 de Novembro de 2016. (p. 1-11) Disponível em:



<http://revistas.ufac.br/revista/index.php/simposiufac/article/view/831/429> Acesso em 28/05/2018.